

► SAÚDE EM PAUTA

Anatomia da crise no HU

Falta de pessoal e de estrutura limita a atuação do Hospital Universitário; situação piora nos últimos 10 anos **p.8**

CIÊNCIA

25 anos da Tabela Brasileira de Composição de Alimentos

Parceria entre USP e outros órgãos é primeira da América Latina em versão digital **p.4**

Grupo ECOS é nova política de saúde mental dentro da Universidade **p.13**

YASMIN ARAÚJO [FOTO]

CULTURA

De Kafka a *Jogos Vorazes*: o que se lê na USP? **p.5**

UNIVERSIDADE

“Onde os fracos não têm vez”

Alvo de CPI em 2015, Show Medicina ainda divide opiniões na Faculdade **p.10**

ESPORTES

O bom filho à casa torna

Ex-alunos continuam engajados nos jogos mesmo após o diploma **p.15**

CRÔNICA

No Crusp, a Ceia **p.16**

O papel do jornalismo na greve

CHRISTIANE SILVA PINTO

EDITORIAL

Onde estão as mulheres da USP?

HUMOR

Cardápio do bandeirão durante o semestre:

← Central – Campus... ⓘ

SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
4	5	6	7	8	9

☀️ ALMOÇO

Arroz / feijão / arroz integral
Bife de caçarola
Opção: PVT com ervilhas
Chuchu com salsa
Salada de repolho
Barra de cereais
Minipão / refresco

Valor calórico para uma refeição: 905 Kcal

Cardápio do bandeirão nas férias:

← Central – Campus... ⓘ

SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
4	5	6	7	8	9

☀️ ALMOÇO

Arroz colorido / feijão / arroz integral
Lombo à Califórnia
Opção: Falafel com pesto de salsa
Nhoque com molho sugo
Salada festiva
Brigadeiro
Minipão / refresco

Valor calórico para uma refeição: 1225 Kcal

SIGA E PARTICIPE!



/jornaldocampus

JORNAL DO
CAMPUS

A edição que você tem em mãos traz uma enquete sobre os hábitos de leitura dos estudantes uspians fora da sala de aula (pág. 5). Há mais novidades sobre o tema. No fim de novembro, a Fuvest divulgou as novas listas de leituras obrigatórias, que serão compostas, entre 2026 e 2028, somente por mulheres. Em um processo quase arqueológico, a nova lista resgata a memória de autoras dos séculos passados, como Nísia Floresta e Narcisa Amália, que agora dividem espaço com obras contemporâneas.

O resgate é bem-vindo, depois de séculos de exclusão: Júlia Lopes de Almeida, idealizadora da Academia Brasileira de Letras, foi proibida de ocupar uma cadeira na instituição. Paulina Chiziane, que hoje ostenta o título de primeira mulher africana a ganhar o Prêmio Camões, anunciou uma pausa em sua carreira em 2016 devido ao cansaço pelas lutas travadas.

Apesar de fundamental, a iniciativa está em descompasso com a situação atual da USP – que se orgulha da qualidade de seu ensino (pág. 11), mas ainda está longe de ser um espaço que celebra trajetórias femininas.

Tradicionalmente, as bibliografias da Universidade tendem a ser majoritariamente compostas por homens brancos. Os vestibulandos a partir de 2026 serão cobrados sobre uma carga conceitual que não dialoga com a bibliografia da USP – nem com os corpos que a frequentam. Somente 37,5% dos docentes são mulheres, uma porcentagem que assusta considerando que elas são maioria nos programas de pós-doutorado. Tanto nos concursos quanto na graduação, a Universidade ainda é um espaço hostil para a população feminina: 55% das mulheres relatam ter sofrido violência física, sexual ou moral no ambiente acadêmico, de acordo com o Observatório USP Mulheres. “Muito machista” foi o adjetivo escolhido por 26% do corpo universitário para descrever a USP. Práticas de trote como as relatadas na pág. 10 evidenciavam a violência de gênero. Espera-se que tenham ficado definitivamente no passado.

O número de mulheres negras na lista parece mais condizente com a postura da Universidade – o que não é motivo para comemorar. Das dez autoras, somente três são negras – uma quantidade pequena, mas que adá supera a proporção de docentes negros, 125 em um universo de 5.151 professores.

Não basta incluir mulheres na lista de leitura do vestibular quando as alunas sentem medo de circular pelo campus (pág. 12) e a hierarquia intelectual ainda exclui corpos femininos e negros.

Estava ansiosa para conferir a edição sobre a greve. É nesses momentos, como o próprio editorial já coloca, que o jornalismo se faz necessário e um veículo como o **Jornal do Campus** tem a oportunidade de mostrar sua competência. E isso foi alcançado na edição. Em momentos de mobilização política, opiniões e perspectivas divergem entre si, mostrando a pluralidade de posicionamentos dentro da universidade.

A edição foi bem sucedida em abarcar todos esses pontos de vista da comunidade uspiana, de forma transparente. O próprio fato do editorial apresentar que existiram dissidências entre os estudantes responsáveis pela produção do jornal escancara essa máxima. O conjunto de matérias esclarece o que já está sendo concretizado e convida a comunidade a cobrar as auto-riedades responsáveis.

Todos os textos estão bem escritos, com entrevistas completas e sempre apoiados por dados relevantes. O uso de fotos e gráficos foi feito de uma maneira cuidadosa, o que ajuda o entendimento dos assuntos; e mesmo as pautas não relacionadas à greve estão conectadas com o cenário atual da Universidade. A entrevista com Sílvia Lia, primeira professora surda da USP, ressoou particularmente comigo; assim como a docente, também fui desacreditada por professores ao longo de toda a minha trajetória, por ser uma mulher negra.

A discussão sobre diversidade religiosa também mostra essa ansia por um ambiente universitário mais diverso e acolhedor. Como candomblecista, enfrentei um cenário muito inóspito na USP quando cursei graduação, onze anos atrás.

A matéria sobre planejamento orçamentário complementa lacunas deixadas pela última edição. Se antes o texto era excessivamente detalhado e numérico, na edição atual a articulação de infografias e entrevistas foi positiva – e muito conectada com a crise que a universidade está experienciando.

O olhar que a edição teve para o histórico de greves e demandas ao longo dos anos situa um contexto histórico importante para entendermos os problemas atuais da universidade – que já vinham sendo denunciados pelo **JC** – e mostra que alguns deles perduram por décadas.

A única ressalva a ser feita é a falta de uma conexão com a sociedade fora da comunidade USP – especialmente aqueles que utilizam os serviços da Universidades. Por fim, a matéria sobre a adesão ao Provão Paulista, com uma gama de fontes variadas, como Pró-Reitoria, Pesquisadores e membros do coletivo indígena da Unicamp, mostra o compromisso do **JC** com um jornalismo sério, atento e preocupado em representar vários lados.

***Christiane Silva Pinto é formada pela USP em Jornalismo, criadora do AfroGooglers e especialista em comunicação inclusiva**



João Adailson (54)
é funcionário do
Bandejão Central

▶ TRABALHADORES DA USP

Trajетória de um veterano do bandejão

Há mais de 20 anos nos bastidores dos restaurantes universitários, João Adailson relata dia a dia de mais de 4 mil refeições

CLARISSE MACEDO
E MARIANA KRUNFLI [REPORTAGEM]

Seu João Adailson começou a trabalhar como cozinheiro no Restaurante Central em 2002, aos 33 anos. Responsável pelo preparo das refeições servidas no jantar, o funcionário explica a dinâmica da cozinha: “São cinco cozinheiros. Um cuida da batata, um do arroz e do feijão, outro da carne e outro da guarnição. Se tiver muitos cozinheiros no arroz e no feijão, eu fico encarregado da guarnição”.

O Restaurante Universitário (RU) foi inaugurado em 25 de janeiro de 1968, no aniversário da Universidade de São Paulo. Ele foi projetado para fornecer refeições acessíveis e de qualidade aos estudantes da USP e tornou-se uma parte importante da vida universitária.

Apesar de considerar a rotina tranquila, ele conta que chega a preparar refeições para cerca de 4 mil pessoas, de segunda a sexta-feira, e para algo em torno de 1,5 mil pessoas, aos sábados. Como apresentado na última edição do JC, o RU também deve ter três refeições aos finais de semana: café da manhã, almoço e jantar.

Nascido em Minas Gerais, o cozinheiro cresceu com os pais trabalhando na roça e, aos três anos, após a morte do pai, mudou-se para o Campo Limpo, em São Paulo, ao lado dos três irmãos e da mãe. “A vida em Minas era difícil”, relembra.

Uma vez na metrópole, passou a infância ajudando em tarefas domésticas e pegou gosto pela cozinha. “Minha mãe trabalhava e eu tinha que cuidar da casa”, recorda.

Ainda pequeno, João aprendeu a cozinhar pratos e alimentos típicos da culinária brasileira, mas só depois descobriu sua verdadeira paixão: as massas. “Minha parte preferida é cozinhar macarrão, nhoque e lasanha”, destaca. O gosto pelo preparo do prato é tanto que é ele quem cuida do menu nos encontros com a família. Nas festas de final de ano, o cozinheiro também prepara o clássico arroz à grega.

A carreira de João Adailson na culinária começou logo no primeiro emprego, como auxiliar em um mercado. Dentro do estabelecimento, evoluiu para a posição de cozinheiro e, desde então, não largou mais a profissão. “De-

pois disso, ele também trabalhou em um hotel no centro da capital paulista, pouco antes de iniciar carreira nos bandejões da USP.

Ainda quando trabalhava no hotel, seu João conta que perdeu sua irmã. Mas o nascimento de seus sobrinhos, já em São Paulo, fez com que a família aumentasse novamente.

O cozinheiro ingressou nos bandejões da Universidade por meio de um concurso público. Depois de passar pelos restaurantes da Enfermagem e da Física, seu João Adailson encontrou seu lugar no Restaurante Central.

Atualmente, o cozinheiro mora em Taboão da Serra. Ele trabalha de segunda a sexta-feira, além de um sábado por mês. Com o expediente das 11h30 às 20h30, ele sai de casa às 9h30 para pegar dois ônibus, um até o Terminal Campo Limpo e outro para o bandejão. O trajeto de volta é igual, e o cozinheiro chega em casa por volta das 21h30.

Quando está de folga, seu João aproveita para se organizar e fazer aquilo que não consegue durante a semana, como lavar a roupa e limpar a casa. Ele afirma que não recusa a oportunidade

de jogar futebol nos finais de semana, apesar de não ter um time do coração. “No momento, só torço para Jesus”, brinca.

Pessoa de fé, ele conta que frequenta algumas igrejas desde que se converteu, aos 20 anos. Cristão, seu João se identifica como evangélico, adepto da denominação Testemunhas de Jeová.

Ao longo dos mais de 20 anos no bandejão, o cozinheiro cultivou amizades com os colegas de trabalho. Ao destacar a boa convivência com os funcionários, ele ainda revelou que, dos que conhece, ele é o único mineiro.

“Tenho coletividade com todos os cozinheiros. Se falta algum em outros restaurantes, a gente precisa ir para a Física, para a Química”, afirma. Ele revela que a última vez que precisou trocar de bandejão por falta de funcionários foi há cinco anos, em 2018.

Feliz com o trabalho, seu João conta que não pretende ir para outra área e que planeja parar após os anos de cozinheiro na USP. “Meu sonho é, futuramente, me aposentar. Vou para o interior. Também queria ter alguma coisa perto da praia”.

“Tenho coletividade com todos os cozinheiros”
João Adailson

TABELA DE COMPOSIÇÃO DE ALIMENTOS COMPLETA 25 ANOS

Referência na América Latina, projeto da Faculdade de Ciências Farmacêuticas é base para o trabalho de nutricionistas

MARIA TROMBINI
E MARIANA ZANCANELLI
[REPORTAGEM]

Se você estiver lendo esse texto de manhã, provavelmente está se perguntando qual o cardápio do bandejão, se a fila vai estar grande ou se já pode almoçar. Depois de alguns meses na Universidade, é fácil decorar os pratos mais recorrentes: frango assado, moussaka de PVT, lombo ao molho de abacaxi e outros clássicos. Por mais que já sinta na ponta da língua o sabor dessas iguarias, o que você sabe sobre os componentes que constituem cada um dos pratos?

A resposta para essa pergunta é oferecida pela Tabela Brasileira de Composição de Alimentos (TBCA), iniciativa que completa, em 2023, 25 anos desde o lançamento de sua primeira versão. Atualmente, o projeto é uma parceria da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF-USP) com a Rede Brasileira de Dados de Composição de Alimentos (Brasil Foods) e coordenado pelo Centro de Pesquisa em Alimentos (FoRC-USP).

Acessível pelo site ou app de celular (TBCApp), a TBCA é um banco de dados que descreve a composição centesimal de diversos alimentos, bebidas e receitas. Ou seja, ela especifica as quantidades de carboidratos, lipídeos, proteínas, vitaminas e outros compostos de cada item. A primeira versão reunia informações sobre cerca de 300 alimentos; hoje, são mais de 6 mil. Além de produtos in natura, industrializados, sem lactose e sem glúten, a Tabela aborda alimentação para vegetarianos, veganos e bebês.

“A TBCA tem a preocupação de incorporar alimentos que são parte da nossa cultura alimentar”

Barbara Lourenço,
professora da FSP

O Projeto Integrado de Composição de Alimentos foi criado em 1989 pelo professor Franco Lajolo, da FCF. O objetivo inicial era agregar uma equipe de pesquisadores que se dedicasse a melhorar a base de dados de composição de alimentos no Brasil, algo pouco discutido à época. Dessa iniciativa surgiu a TBCA, em 1998. A partir de 2013, com o subsídio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), passou a ser elaborada a versão atual da Tabela, agregando os dados em um só lugar e criando padrões estatísticos.

Segundo Kristy Soraya Coelho, doutora em Nutrição Humana Aplicada pela FCF-USP e colaboradora do projeto, a TBCA está sempre sendo aprimorada. “Desde 2019, temos projetado novas formas de busca para facilitar a navegação de quem acessa o site. Hoje, existem dois tipos: alimentos em medidas caseiras ou comparação entre dois alimentos.”

Bárbara Lourenço, professora do curso de nutrição na Faculdade de Saúde Pública (FSP-USP), explica que a metodologia da TBCA é extensamente descrita, de fácil acesso e padronizada de acordo com os critérios da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, na sigla em inglês). Além disso, todas as informações estão disponíveis também em inglês, o

que permite o acesso à plataforma não só por usuários lusofalantes.

Na disciplina de planejamento dietético, os estudantes da FSP aprendem, com ajuda da TBCA, a elaborar planos nutricionais em conjunto com os pacientes. Para a professora, é fundamental que o nutricionista saiba aproveitar o uso da tecnologia e saiba passar seus saberes técnicos para a população. A TBCA colabora com esse processo. “A Tabela tem uma usabilidade superlegal. Os estudantes gostam bastante das possibilidades de consulta que ela permite”, diz a docente.

Gisele de Paula, que atua com nutrição clínica, explica que os nutricionistas consultam esse tipo de tabela para poder fazer a adequação de diferentes componentes no preparo de dietas. Ela conta que é comum recorrer a softwares que ajudem na montagem de cardápios e na contabilização de calorias. Porém, essas plataformas não têm todos os alimentos cadastrados. A TBCA é útil porque proporciona o acesso a novas informações, especialmente as brasileiras. “[A TBCA leva em conta] o jeito que a gente prepara um certo tipo de alimento, várias preparações que tem aqui no país. Isso facilita o nosso trabalho”.

A professora Bárbara reforça a importância de um banco de dados que busca fornecer informações de qualidade sobre elementos da culinária brasileira: “É diferente da gente ter que se valer de produtos em outras formas de consumo, que não são praticados aqui no Brasil, como quando consultamos tabelas internacionais”.

1



USP, câmera e ação!

Universidade abre espaço para gravações de filmes e séries nacionais que exigem meses de negociação

FELIPE VELAMES [REPORTAGEM]

Anita é uma mulher de 30 anos que mora em São Paulo, e que tem sua vida virada de ponta de cabeça quando consegue voltar para sua adolescência. Essa é a premissa da série *De Volta aos 15*, do serviço de *streaming* Netflix, que retorna em 2024 para sua terceira e última temporada.

A série fictícia encontrou o mundo real quando realizou gravações na Faculdade de Arquite-

tura e Urbanismo (FAU-USP) no mês de outubro de 2023, chamando atenção de quem passava pelo local.

Antes da USP virar um cenário para o audiovisual, existe todo um processo de bastidores. Tudo começa com um pedido de contrato, que é levado para aprovação pelo Conselho Técnico Administrativo do instituto ou faculdade e, eventualmente, assinado pelo reitor. Nos casos em que os cenários são as áreas co-

muns da USP, o processo envolve um outro órgão: a Prefeitura do Campus. Em seguida, ocorrem visitas técnicas da equipe de gravação e alinhamentos com a agenda do local escolhido.

Ana Carolina Coelho, assessora de comunicação da FAU, conta que o trâmite costuma demorar e, por isso, recomenda que o pedido seja feito com pelo menos três meses de antecedência. Ela também salienta que o processo, apesar de de-

morado, traz benefícios financeiros e culturais aos institutos.

“As gravações são uma forma de fomentar e facilitar a vida dos profissionais de cultura do país”, comenta. “É muito importante que as unidades da USP estejam envolvidas em produções 100% brasileiras que valorizem o audiovisual nacional”.

A produtora e o instituto ou faculdade também tomam cuidados durante as filmagens para que elas não atrapalhem os

estudantes. A série *De Volta aos 15*, por exemplo, foi gravada em ambientes internos somente aos finais de semana, quando não havia aula. Os alunos também são proibidos de participar como figurantes de cena, como conta Amanda Teixeira, estudante de arquitetura e urbanismo.

“O máximo que acontecia eram os alunos tentando tirar foto com a Maísa ou o João Guilherme nos intervalos”, diverte-se a estudante.

► NA ESTANTE

De Kafka a Jogos Vorazes, as leituras dos uspianos

Enquete do **JC** com 95 estudantes mostra interesse por livros fora da obrigação universitária; romance e fantasia são os preferidos

GABRIELE MELLO, LAISA DIAS E LÍVIA LEMOS [REPORTAGEM]

Os alunos da USP lêem fora da sala de aula? O que consomem? Para investigar o perfil de leitura desse público, o **JC** coletou, por formulário online, a opinião de 95 estudantes de diversos institutos da Universidade de São Paulo. Três em quatro dizem ter o hábito de ler livros não relacionados à graduação. Entre eles, o gênero romance (26%) ocupa o primeiro lugar na lista de preferência, seguido por fantasia (21%) e terror/suspense (12%).

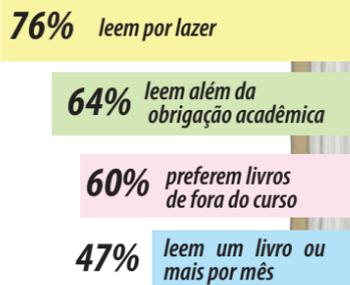
A apuração também indica que a área dos estudantes influencia na seleção de uma obra para ler. Gabriela Toqueti, estudante de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), comenta que a última obra lida foi *A Cantora Careca*, do autor Eugène Ionesco, indicação da disciplina de Teatro Francês. Fabiana Carelli, docente de Letras Clássicas e Vernáculas, destaca que essa preferência por obras que são recomendadas em sala de aula tem relação com as áreas de estudo do instituto: “Nas ciências humanas, eles estão se formando em áreas que são da intelectualidade. Logo, desenvolvem um desinteresse pela

literatura de entretenimento, priorizando as formas da alta literatura e filosofia, considerados livros de alto valor estético.”

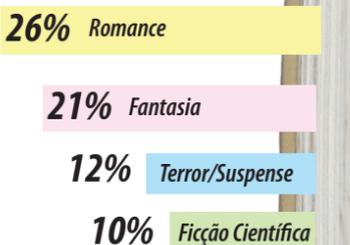
Em contrapartida, estudantes das ciências exatas e biológicas parecem enxergar na leitura uma maneira de distração e lazer. Foi o que revelou a maioria das respostas dos alunos da Escola Politécnica (EP), que optam por livros como os da saga *Jogos Vorazes*. “Nessas áreas, há menos preconceito com a ‘baixa literatura’. Os estudantes buscam os livros como entretenimento, enquanto a alta literatura não é tão valorizada por causa da complexidade do pensamento”, salienta Fabiana.

A indicação de amigos e familiares e as resenhas encontradas nas redes sociais também são fatores que influenciam o hábito de leitura dos universitários. Os *booktokers* – influenciadores de leitura que recebem essa nomenclatura quando produzem conteúdo para o TikTok – popularizaram no mundo digital a leitura de alguns gêneros, como o romance, a fantasia e as fanfics (abreviação de *fanfiction*, que pode ser traduzido como ficção de fã, em que contos são criados por aficcionados com inspiração em produções ou pessoas públicas). Tais gêneros são encarados

HÁBITOS DE LEITURA



GÊNEROS MAIS LIDOS



FONTE: ENQUETE DIGITAL COM 95 RESPONDENTES

como “baixa literatura” por serem classificados como cultura de entretenimento, sofrendo um estigma por aqueles que consideram apenas obras clássicas e acadêmicas como essenciais para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Essa tentativa de desvalorização de um gênero literário em relação ao outro não é de agora. De acordo com a professora, sempre existiu uma rixa entre a alta literatura e a cultura de entretenimento: “Na virada dos anos 1950, os romances de Jorge Amado eram vistos como entretenimento e, por isso, literatura menor. Quando defendi meu mestrado em 1990, escolhi estu-

dar esse autor para provar que o entretenimento tem uma função importante na sociedade. Hoje, Jorge Amado é um clássico.”

Falar que a relação entre leitura e leitores é recheada de orgulho e preconceito pode soar clichê. No entanto, assim como ressalta Fabiana, o preconceito com algumas obras é algo comum. A pesquisadora pontua que a escolha de um gênero não diminui o outro, pelo contrário, ela defende que a leitura tem que ser estimulada em todos os sentidos: “Seja *Hannah Arendt*, seja *Harry Potter*, explorar diferentes gêneros traz uma ampliação das diferentes narrativas que compõem o mundo.”

Atualmente, a professora é uma das coordenadoras do Genan (Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura Narrativa e Medicina), que tem como objetivo promover a leitura e discussão de clássicos no cotidiano dos profissionais da saúde: “Nossa missão é mostrar para esses profissionais um sentido em ler as obras clássicas e como as diversas formas da narrativa veiculam um sentido existencial”, afirma Fabiana.

Em 2022, as bibliotecas do campus emprestaram **50 mil livros** para alunos da FFLCH

IME está segundo lugar, com **11 mil empréstimos de livros**

IF em terceiro, com **10 mil livros**

Fonte: Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais da USP (ABCD)

2

▶ VALORIZAÇÃO IMOBILIÁRIA



Por que é caro morar no Butantã?

Alta de 12% no último ano no preço dos aluguéis do bairro afasta estudantes que desejam morar perto da USP

CAROLINE SANTANA, ELAINE BORGES
E MELANNIE SILVA [REPORTAGEM]

Mudanças recentes tornaram o Butantã mais caro para se viver. Um resumo: no dia 7 de julho de 2023, o prefeito Ricardo Nunes sancionou ajustes no Plano Diretor Estratégico de São Paulo que, desde 2014, tem como objetivo o adensamento populacional – o aumento do número de pessoas por unidade de área próximo aos eixos de transporte. Para isso, foi permitido o aumento da altura dos prédios nos entornos de estações do Metrô e da CPTM.

Anteriormente, o Plano Diretor, sancionado em 30 de julho de 2014, permitia a construção de empreendimentos com altura até 4 vezes maior que a área do terreno em um raio de 600 metros das estações de trem e metrô e a 300 metros dos corredores de ônibus. O novo texto ampliou o raio de construção para 700 metros nas proximidades de estações da CPTM e metrô e 400 metros dos pontos de ônibus.

O Butantã é considerado uma Zona Eixo de Transforma-

ção Urbana (ZEU). Por ser área de incentivo da Prefeitura para ampliação de moradias, foi um dos bairros mais afetados pelas mudanças. A verticalização do bairro vem acompanhada de um aumento expressivo no valor do aluguel, estando acima da média da capital. De acordo com o aplicativo de imóveis QuintoAndar, o preço do m² para aluguel está em torno de R\$ 42 no bairro, um dos 50 mais caros da cidade.

Thiago Reis, gerente de dados do QuintoAndar, afirmou que em um ano a valorização média da região foi de 12,2%. Em contrapartida, os principais índices que regulam o aluguel em São Paulo, o Índice Geral de Preços - Mercado (IGP-M) e o IPCA, apresentam um acumulado dos últimos 12 meses de -3,46% e 4,84%, respectivamente.

De acordo com a assessoria de imprensa da Secretaria Municipal de Urbanismo, os ajustes foram feitos para melhorar a mobilidade urbana, visando facilitar o deslocamento moradia-emprego. “Nesses territórios, são incentivadas a construção de

habitações para diversas faixas de renda. As áreas próximas ao sistema de transporte público coletivo são, portanto, locais estratégicos para a transformação urbana”, afirma a nota. Reis complementa dizendo que, “atualmente, cerca de 10% das pessoas utilizam algum filtro de ‘imóveis próximos ao metrô’ na busca no QuintoAndar”.

Alunos que querem morar perto da USP têm tido dificuldades com a alta nos entornos da universidade. A estudante Eslen de Brito, que morava no Rio de Janeiro, trocou de moradia 4 vezes desde o retorno presencial. Ela conta que chegou a morar num quarto sem janelas e numa república com outros 22 alunos. “O aluguel era barato, na época era o que eu conseguia pagar, mas a casa claramente não comportava aquele número de pessoas. Por mais que a gente relatasse problemas, os donos se esquivavam, era nítido que estavam pensando só no lucro”.

De fato, dividir o imóvel com outra pessoa é estratégia comum. Foi dessa maneira que Daniel

Dias, estudante de Publicidade e Propaganda, conseguiu se mudar e pagar menos. Ele morava em São José dos Campos, cerca de uma hora e meia de distância da USP e relata que a busca por um lugar com dois quartos por valor acessível não foi fácil. O lugar também contou. A alternativa final foi a região do Jaguaré, no P2. “A gente escolheu essa região porque era inviável morar ali no P1 por conta dos preços. E o P3 tem muitos relatos ruins sobre a segurança”, afirma.

Com os preços subindo, outros estudantes acabam por procurar lugares mais distantes da universidade. Este foi o caso de Brenda Fernandes, aluna de Jornalismo na ECA. Ela relata que chegou a pagar R\$ 900 por uma quitinete de 20m², próxima à USP. Atualmente, mora na Mooca, Zona Leste, e paga o mesmo valor por um lugar de 60m². “Se você me pedir uma dica, eu vou dizer que vale mais a pena ficar meia hora no metrô ou quase 1 hora no ônibus e ter um apê legal e acessível, do que ficar do lado da USP”, finaliza.

Vale a pena ficar meia hora no metrô ou quase 1 hora no ônibus e ter um apê legal e acessível num bairro distante

*Brenda Fernandes,
aluna de jornalismo*

▶ COMÉRCIO

Com licença ou sem licença?

Prefeitura proíbe comércio informal, mas vendedores não veem fiscalização

GABRIEL EID, LAURA PEREIRA LIMA
E RICARDO THOMÉ [REPORTAGEM]

“Se esse indivíduo estivesse aqui dentro, pagando seus impostos como nós pagamos, não teria problema nenhum”, afirma Bruno Quinalha, proprietário do *food truck* Candy Truck, localizado na Praça do Relógio Solar. A reclamação de Quinalha recai sobre os comerciantes ilegais, ambulantes que não possuem licença para atuar dentro da Universidade e que, segundo ele, não são devidamente repreendidos pelas autoridades.

Não é qualquer pessoa que pode vender seus produtos dentro da USP. Os estabelecimentos oficiais passam por um longo processo de aprovação pela Prefeitura do Campus. O primeiro passo é o chamamento público. “Há uma lista gigantesca de papéis solicitados”, conta o dono do *food truck* de hambúrguer, que comercializa na Universidade desde 2018. Ao todo são 13 documentos diferentes, que incluem desde o Cadastro Municipal de Vigilância em Saúde até o Certificado de Curso de Boas Práticas em Manipulação de Alimentos.

A papelada por si só já afasta a maioria dos interessados, segundo Quinalha, mas a Prefeitura ainda elabora critérios de

pré-seleção dos estabelecimentos. Segundo o edital de janeiro, o órgão leva em consideração “se o fornecedor de alimentos tem capacidade de operar com qualidade, proporcionando refeições balanceadas, com valor nutritivo e custo acessível ao consumidor”. Após a pré-seleção, é realizado um sorteio com os candidatos remanescentes.

Além de apresentar os documentos, Quinalha também paga uma quantia mensal equivalente a 10% do valor do metro quadrado na região da Cidade Universitária – isto é, R\$ 289,41 por cada m². “É injusto nós estarmos pagando um valor alto de aluguel e os comerciantes informais não”, completa.

O QUE DIZEM OS INFORMAIS Outro estabelecimento que faz sucesso como os estudantes – especialmente depois do almoço – é a Dôceis Doces, banca informal em que Ana Julia Altino vende doces caseiros. Localizado na frente do bandeirão central, o comércio é uma herança familiar: a mãe vende trufas na Universidade desde 2015, e ela e o irmão se revezam na região do Crusp. “Eles passam e dão ‘oi’, ninguém reclama”, conta, sobre os guardas da Universidade, muitos dos quais são seus clientes.



Food Truck paga quantia mensal para funcionar no Campus Butantã

Eles querem que eu vá à prefeitura [do Campus] pegar licença. Quando vou à prefeitura, nunca respondem

Vavá, artesão

Thiago é um recém-chegado no comércio dentro da Universidade e aproveitou para expor artesanatos indígenas, já que é de origem tupinambá, no vão da História e na frente do bandeirão central. Segundo ele, a sua permanência e a de outros ambulantes no espaço da universidade é um sinal de resistência.

Thiago acabou de chegar, mas Vavá conhece a USP como poucos. Ele começou a vender artesanato no campus do Butantã em 1987 e, hoje, estende sua banca no vão da História e da Geografia. Nesse período, Vavá já foi abordado por guardas. “Eles querem que eu vá à prefeitura [do Campus] pegar licença. Quando vou à prefeitura, nunca respondem”, afirma.

Vavá diz que os guardas só requerem a saída dos artesãos se existe algum incômodo por parte das instâncias superiores da Universidade, o que segundo ele é raro. “Ninguém está fazendo nada de errado”. Em 36 anos, foi obrigado a se retirar apenas uma vez: “Veio um cara que nunca tinha vindo aqui, ligou para a Reitoria e fez a denúncia”. O artesão obedeceu, mas não teve grandes prejuízos. “Eu já estava indo embora de qualquer jeito. Voltei no dia seguinte”.

O JC entrou em contato com a Prefeitura do Campus para questionar a posição quanto ao comércio informal. Por meio de nota, o órgão respondeu que “existe uma Resolução da USP que proíbe a venda de alimentos no Campus sem o processo licitatório”.

A Resolução a que a Prefeitura se refere é a n° 7351, de 2017, que regulamenta a circulação de “comida de rua” no campus da capital. No documento, consta “a necessidade de definição de padrões higiênico-sanitários e operacionais.”

O parágrafo 3° da Resolução evidencia que, “na hipótese de exercício de comércio irregular,

o fornecedor será notificado a desocupar imediatamente (...), e, em caso de recusa, será realizada a comunicação do fato aos órgãos de fiscalização competentes para apreensão de mercadoria e acionamento das polícias das esferas municipal e estadual”. Questionado sobre o protocolo quanto a esse tipo de comércio, o órgão respondeu que é uma competência da Procuradoria Jurídica da Universidade, e não da Prefeitura. Contatada, a Procuradoria encaminhou o pedido para o Serviço de Informação ao Cidadão (SIC-USP), que passou a demanda para o serviço de imprensa da Universidade, que remeteu a reportagem de volta à Prefeitura do Campus.

ACORDOS Um novo estabelecimento chama a atenção no prédio do Diretório Central dos Estudantes (DCE): a ótica universitária, reinaugurada em agosto. Pertencente a Raimunda Oliveira da Silva, mais conhecida como Ray, a ótica planeja oferecer óculos com preços mais acessíveis.

O comércio se enquadra em uma situação especial, por não ser nem informal, nem regularizado junto à Prefeitura do Campus. A ótica de Ray utiliza o espaço do DCE e, segundo ela, não possui nenhum contato com a administração da USP. “Se existe qualquer insatisfação ou desacordo, as pessoas se manifestam diretamente com o DCE. A entidade nunca me passou nada neste sentido”. De acordo com Ray, o contrato com o DCE é flexível, podendo variar a quantia de acordo com o mês.

Questionada sobre a situação de estabelecimentos comerciais dentro de espaços estudantis, Daniella Vilela, representante da prefeitura, respondeu que “os espaços sob a gestão da Prefeitura do Campus são as áreas comuns, os demais estão sob gestão dos dirigentes das unidades”.



Ótica aluga espaço diretamente do DCE

▶ SAÚDE PÚBLICA

Para quem funciona o Hospital Universitário?

Diminuição de leitos, funcionários e atendimentos marcam os últimos 10 anos. Instituição fala em “recuperação gradativa”

ANA MÉRCIA BRANDÃO E GABRIEL EID
[REPORTAGEM]

Nos últimos anos, diversas reportagens do **JC** denunciaram uma situação de crise crescente no Hospital Universitário (HU), unidade fundamental para a comunidade USP e para os moradores da zona oeste de São Paulo. No ano de 2023, os problemas se intensificaram. Em fevereiro, o centro cirúrgico ficou sem energia elétrica em pleno verão, o que fez com que as temperaturas beirassem os 30°C no local. O número de leitos, que já chegou a ser de 233, hoje é de 145, após bater no pior nível da série histórica (127) em 2019. A instituição admite falhas, mas diz que casos críticos estão sob controle.

Rosane Meire, diretora do Sintusp e funcionária do HU desde 1989, afirma que a unidade sempre passou por problemas, mas diz que a situação ficou pior a partir da gestão de Marco Antônio Zago na Reitoria da USP, entre 2014 e 2017. O órgão é responsável pela administração direta do hospital. Em 2014, um Programa de Incentivo à Demissão Voluntária foi aprovado pelo Conselho Universitário. A iniciativa foi contestada por alunos, funcionários e docentes durante a greve geral que ocorreu naquele mesmo ano.

Segundo os Anuários Estatísticos da USP, o HU perdeu 495 funcionários entre 2013 e 2019. No mesmo período, as internações no hospital caíram mais de 70%: de 1472 para 421 ao ano. Para a diretora do Sintusp, um dos principais problemas do HU é a falta de funcionários. Os remanescentes, após as demissões

O hospital foi criado na intenção do ensino e da pesquisa, mas acabou se tornando uma necessidade da região oeste, por ser o único hospital secundário

Rosane Meire,
diretora do Sintusp

voluntárias, ficaram sobrecarregados com os atendimentos.

Procurado, o HU, por meio de seu Centro de Comunicação (CCOM), confirmou o problema, classificando-o como “uma dificuldade que a USP vem enfrentando há várias gestões e que não é específica do HU”. Mas afirma que a “recuperação gradativa dos quadros do Hospital é tratada como prioridade”, uma vez que “em 2022, foram abertas 400 vagas de técnicos administrativos, sendo 120 destinadas ao HU”.

A SITUAÇÃO HOJE Rosane ressalta que, enquanto o número de funcionários diminuiu, a quantidade de pessoas que necessitam usar o HU aumenta. Como exemplo, ela cita o aumento da comunidade USP. Segundo o Anuário Estatístico da USP, entre 2001 e 2021, o número de alunos da graduação foi de 40.162 para 60.817.

Outro grupo de usuários do HU é composto pelos moradores do Jardim São Remo, comunidade localizada ao lado da Cidade Universitária, exatamente na entrada da unidade de saúde. “O hospital foi criado na intenção do ensino e da pesquisa, mas acabou se tornando uma necessidade da região oeste, por ser o único hospital secundário”, explica Rosane.

A eles, só é permitido recorrer ao HU em caso de urgência. Se não for assim, é necessário que antes passem por uma unidade de saúde primária e sejam encaminhados ao Hospital. Isso porque, desde 2015, a USP limita quem pode usar o HU. A resolução 7043/2015 determina que “terão direito à utilização dos Serviços Médicos e Odontológicos próprios da Universidade de São Paulo os servidores técnicos e administrativos, os docentes, os alunos matriculados em cursos de graduação e pós-graduação e os dependentes dessas categorias”.

AGENDAMENTO Para aqueles que têm direito de usar o serviço de saúde, segundo às normas, e desejam marcar consultas ou exames, o acesso exige o cumprimento de algumas etapas. De antemão, todos devem possuir um “cadastro HU” para conseguir fazer o agendamento.

Ele é feito apenas presencialmente, no SAME (Serviço de Arquivo Médico e Estatística) do Hospital, de segunda a sexta-fei-

ra, das 8h às 17h, mediante a apresentação de Cartão USP, RG, CPF e Cartão Nacional de Saúde. A exceção fica por conta dos alunos, que podem solicitar a chamada “matrícula HU” através de um formulário que, segundo o site do Hospital, tem prazo de resposta de 10 dias úteis.

Feito este cadastro, os usuários estão aptos a marcar consultas e exames, com um porém: o agendamento é feito apenas online, a partir de um formulário no site do Hospital. Lá, constam somente as especialidades disponíveis. Algumas das ofertadas no HU nem chegam a aparecer na plataforma, por não terem perspectiva de vagas para atendimento.

Júlia Monteiro, estudante de Letras na FFLCH e usuária do HU, afirma que o sistema torna a marcação de consultas “uma dificuldade tremenda”. “Em vez do online ser uma coisa para ajudar, ele atrapalha. A disponibilidade é péssima”, resume.

Frequentadora do Hospital desde 2022, por não ter plano de saúde e pela possibilidade de se consultar em especialidades indisponíveis em unidades de saúde perto da sua casa, ela conta que tenta desde abril marcar uma consulta com um ortopedista. Júlia já havia conseguido marcar uma vez, mas, com suspeita de covid-19, não conseguiu comparecer ao Hospital e teve seus apelos por uma remarcação ignorados. “Liguei no hospital e eles disseram que não podia remarcar porque, segundo eles, a suspeita é diferente do caso confirmado. Eu não fui, perdi a consulta e até hoje não consegui atendimento.”

Ela também se consulta com um psiquiatra no HU uma vez por mês, após esperar dois meses para conseguir uma vaga. Na última consulta, Júlia se surpreendeu ao ver que, segundo ela, o sistema não havia registrado sua reserva. Numa tentativa de resolver a situação, a equipe do hospital trocou o médico da consulta, e a estudante teve que abandonar o tratamento com o profissional que a acompanhava há meses.

“Isso não é qualquer coisa, sabe? Eu preciso ir lá para renovar a receita do meu remédio, para me acompanhar. É literalmente questão de vida ou morte”, afirma.

A psiquiatria reúne outros problemas. Giovanna Rangel, es-



20
Corte de v
reforma n
Univer

20
Início da
Marco Ant
na re

20
Funcionár
entram e
por melho
de tra

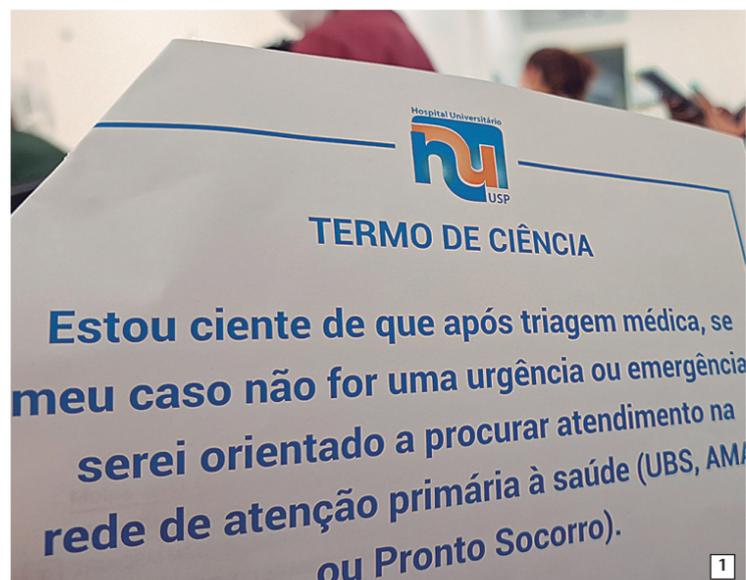
20
Programa d
à Demissão
é colocado

20
Fim da E
mas dei
contiu

20
Número de l
a 127, men
da série l

20
Queda de
e superaqu
no centro

Atendimento prioriza
urgência e emergência





13
Verbas para o Hospital
Universitário

14
Gestão de
Gênio Zago
Reitoria

14
Cursos do HU
em greve
pelas condições
de trabalho

15
Incentivo
Voluntária
em prática

17
Para Zago,
missões
numam

19
Cursos chega
por número
histórica

23
Energia
recimento
cirúrgico

tudante de Administração na FEA, aguarda há três meses uma disponibilidade de consulta com o médico da área. Sempre que entra no site, a especialidade nem mesmo é exibida.

No entanto, para ela, o bônus compensa o ônus. A estudante já utilizou o HU para fazer várias consultas preventivas, as quais, afirma, não teria feito sem a existência do Hospital. Mas foram dois anos de graduação até que ela soubesse que poderia utilizar a unidade de saúde. “É curioso porque meus amigos da USP também não sabem. Eu falo que marquei e fui no HU, e ninguém sabe que isso é uma possibilidade. Não é amplamente divulgado”, relata.

Assim como Júlia, Giovanna reclama do site. “Não é muito intuitivo. Eu tenho facilidade com internet, mas uma pessoa que não é muito digital vai sofrer para entender como funciona. Se fosse mais fácil, mais pessoas marcariam”, avalia.

ENSINO E ATENDIMENTO Um Hospital Universitário precisa contemplar as funções que dizem respeito à universidade – como ensino e pesquisa – e o atendimento hospitalar. É o que explica a professora Marília Louvison, do Departamento de Política, Gestão e Saúde da Faculdade de Saúde Pública da USP.

De acordo com a docente, existe uma ampla discussão sobre qual seria a melhor forma de equilibrar esses dois lados, não só no HU da USP, mas em diversos outros hospitais universitários no Brasil. Outro conflito, segundo ela, é se o hospital deveria ser “porta aberta” – ou seja, oferecendo pronto-atendimento a toda a população da região – ou restrito aos servidores e estudantes.

Falta de funcionários é o principal impedimento para um atendimento de qualidade

“É impossível fazer um atendimento adequado se os funcionários estão totalmente sobrecarregados e trabalham num lugar em que o teto pode cair na sua cabeça a qualquer momento”

Júlia Monteiro, estudante de Letras

Marília afirma que o SUS pressupõe atendimento a todos, não só a um grupo específico. No entanto, ela diz ser necessário realizar um amplo estudo para avaliar as condições de estrutura do hospital e mapear as outras unidades que podem oferecer atendimento à população da zona oeste, tais como Unidades de Pronto-Atendimento (UPAs) e Unidades Básicas de Saúde (UBSs). “Uma porta aberta pressupõe existirem condições para se atender a todos que o hospital recebe”, explica.

Perguntada sobre a possibilidade de o Hospital atender mais pessoas externas à comunidade USP, a CCOM afirmou: “O HU tem como missão o atendimento para a comunidade USP e à população em geral, por meio do sistema de regulação do Sistema Único de Saúde. As consultas de especialidades são ofertadas para o SUS, em torno de 350 por mês, e os pacientes, incluindo as pessoas da comunidade São Remo, são encaminhados para o HU mediante agendamento realizado utilizando o Sistema Informatizado de Regulação do Estado de São Paulo (SIRESP)”.

O órgão também afirma que o pronto-socorro do Hospital atende apenas casos de urgência e emergência e que os casos que forem avaliados pelo protocolo de triagem como não sendo de urgência são encaminhados para a rede de assistência à saúde do SUS.

VERBAS E REFORMA Em junho de 2022, a Reitoria da USP desti-

nou R\$ 217 milhões para reformas no Hospital das Clínicas de São Paulo e no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto (HCRP). Ambos são administrados por duas fundações de direito privado, a Fundação Faculdade de Medicina (FFM) e a Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Assistência do HCRP (FAEPA). Enquanto isso, o orçamento geral do HU, único hospital que ainda está sob administração direta da Reitoria, é de cerca de R\$ 301 milhões.

De acordo com a diretora do Sintusp, em 2013, foi anunciada uma reforma para modernização do HU, mas a obra acabou não ocorrendo. O órgão cita a precariedade das instalações elétricas e hidráulicas como os principais problemas de infraestrutura do Hospital.

Júlia vai na mesma linha. “É impossível fazer um atendimento adequado se os funcionários estão totalmente sobrecarregados. Se as pessoas estão sendo mal pagas e trabalham num lugar em que, literalmente, o teto pode cair na sua cabeça a qualquer momento, não vai ser maravilhoso”, resume.

Em resposta, o CCOM afirma que “as situações críticas estão controladas”. Diz ainda que o Hospital passa por “um grande processo de reforma para adequação à legislação atual de segurança contra incêndio” e que “está sendo elaborado um projeto de reforma para modernização das instalações, começando pelas áreas críticas de Pronto Socorro e UTIs”.

Marcado por denúncias, **Show Medicina** ainda divide opiniões



79ª edição do
Show Medicina

Grupo teatral foi objeto da CPI dos Trotes em 2015 e teve espetáculo considerado preconceituoso por coletivos em 2021. Entidade pediu retirada da entrevista ao **JC**

LORENA CORONA E MARIANA KRUNFLI
[REPORTAGEM]

É um grupo de teatro, mas sua trajetória acabou marcada por denúncias e até uma CPI. Entre 2014 e 2015, o Show Medicina, entidade artística da FMUSP, foi alvo de acusações de abusos sexuais, discriminação e até castigos físicos. As ocorrências chegaram a ser investigadas em uma Comissão Parlamentar de Inquérito na Assembleia Legislativa. Alunos da FMUSP ainda apontam problemas, apresentando a gravação do Show de 2021 como evidência de machismo, capacitismo e preconceitos contra minorias. A entidade respondeu ao JC, mas depois pediu a retirada das declarações.

Em 2015, em uma das audiências da Comissão, cinco ex-alunos da FMUSP relataram o método de ingresso no Show – era necessário fazer um tipo de “vestibular” para entrar na entidade. Os calouros eram obrigados a ficar nus em frente a dezenas de pessoas e até a simular estupro. Um dos depoentes também falou sobre outros trotes que os veteranos do Show aplicavam nos novatos, como encenar posições sexuais, passar gelo nos genitais e beber até passar mal.

Outra questão dizia respeito à segregação de gênero. As mulheres eram proibidas de participar das apresentações do Show e eram permitidas apenas no grupo denominado “Costura”, hoje extinto como o órgão segregador. Nele, as participantes eram responsáveis por confeccionar os figurinos que seriam usados nos espetáculos.

Depois das investigações, o Ministério Público Federal pediu que o grupo eliminasse a prática dos trotes e a divisão por gênero. Também recomendou proibir a realização de ensaios, apresentações e divulgação do Show nos espaços da FMUSP.

Em 2022, a Associação de Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da USP (AAAFMUSP) postou uma nota se posicionando a favor do retorno do Show às dependências da Faculdade, dizendo “acompanhar de perto os avanços” do grupo em relação às denúncias.

A proposta enfrentou resistência dos coletivos LGBTQIAP+, feminista e negro da FMUSP e do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (CAOC). Em agosto de 2022, as entidades organizaram uma reunião sobre o tema no teatro da Faculdade e uma votação via formulário sobre a iniciativa. Entre as 585 respostas válidas de estudantes de Medicina, 406 (69,4%) se mostraram contra o retorno.

HUMOR PRECONCEITUOSO

Em 2021, por conta da pandemia, a 79ª edição do Show Medicina foi gravada e transmitida no YouTube. A gravação, que permanece publicada até o fechamento desta edição no canal Juicebox, registra 1,2 mil visualizações. Nas três horas do espetáculo, colocações machistas, gordofóbicas, xenofóbicas e capacitistas vêm dos atores e da própria plateia.

Um aluno da FMUSP que preferiu não ser identificado por medo de represálias repassou ao **Jornal do Campus** uma minitagem dos trechos considerados problemáticos. São mais de

40 passagens, com descrições como: “enquanto meninas limpam o palco, há gritos de ‘faz cara de vagabunda’, ‘faz cara de safada’”; “paródia com o trecho ‘o japonês autista no meu pé’”; “plateia arremessando latas de cerveja duas vezes em mulheres”. A íntegra do Show de 2021 e a minitagem estão no site do JC. “Sou completamente contra o Show Medicina”, diz o aluno.

Apesar de destacar que a Diretoria da FMUSP segue à risca a determinação do Ministério Público de que o Show não pode mais se apresentar e ensaiar nas dependências da faculdade, o aluno argumenta que não existe uma separação nítida do evento com a instituição. “No quarto andar da faculdade, onde sai o elevador, tem uma placa em homenagem aos 75 anos do Show Medicina”.

Um membro da diretoria do Núcleo de Estudos de Gênero, Saúde e Sexualidade (NEGSS) considera a 79ª edição do Show – a de 2021 – um momento decisivo. “Todas essas passagens [da apresentação] merecem nossa atenção e repúdio. [A edição de] 2021 talvez seja o ponto de corte mais importante da história recente do Show marcado por intensas crises internas”.

O mesmo aluno destaca que a inclusão da participação feminina, o cancelamento do “Vestibular” do Show e o ingresso de calouros pós-política de cotas da USP como medidas que têm tornado o ambiente da entidade “mais adequado e crítico aos graves erros do passado”.

O jovem também comentou sobre a percepção dos estudantes

em relação ao grupo teatral. “Existe uma diferença muito grande de postura entre as diferentes turmas da faculdade. A 109 [ingressantes de 2021], por exemplo, é sabidamente muito contrária e chegou até a impedir que membros do Show participassem de outras extensões da faculdade. As turmas posteriores 110 e 111, [ingressantes em 2022 e 2023] tendem a ser muito mais tolerantes”, disse o integrante do NEGSS.

Entre 27 de novembro e 6 de dezembro, o JC tentou contatar a direção da FMUSP via e-mail da assessoria de imprensa e do setor de comunicação. Apesar das diversas tentativas, até o fechamento desta edição, não obtivemos retorno.

Procurado inicialmente pelo JC na segunda semana de novembro, o Show Medicina respondeu às dúvidas preliminares por intermédio de um diretor, que pediu anonimato e requisitou a leitura prévia do material antes da publicação. Conforme seus procedimentos, o **Jornal** enviou os trechos em que as falas do entrevistado foram incluídas. Após a leitura, o diretor pediu acréscimos e autorizou a publicação. No dia 6 de dezembro, o JC teve acesso à apresentação da 79ª edição, realizada em 2021. Na mesma data, a equipe pediu que o diretor comentasse os trechos destacados na reportagem. Ele, então, pediu a retirada de todas as declarações do texto. O **Jornal do Campus** registra o dever ético e técnico de consultar todos os atores envolvidos nos fatos que cobre, entendendo que participar do relato seja uma prerrogativa de cada entrevistado.

Existe uma diferença muito grande de postura entre as diferentes turmas da faculdade. Os ingressantes de 2021 são muito contrários ao Show, já as turmas posteriores tendem a ser muito mais tolerantes

Membro da diretoria do NEGSS

▶ USP NO MUNDO

USP merece o destaque que recebe nos rankings universitários?

Listas têm critérios subjetivos e privilegiam universidades do Hemisfério Norte. Setor de gestão de indicadores vê ranqueamento como “comercial”

THAIS MORIMOTO [REPORTAGEM]

Saiu no site, no Jornal da USP, foi pauta do Roda Viva. A conquista foi celebrada de diversas maneiras pela Reitoria. A melhor universidade da América Latina e Caribe, na edição mais recente do QS World University Ranking, é a USP, que, de maneira inédita, também ficou entre as cem melhores do mundo.

Mas essas listas são de fato confiáveis? A USP merece o lugar que ocupa? No QS, a USP ficou em 85º em escala mundial; no THE World University Ranking, entre 201 e 250 (a entidade não especifica posição para essa faixa do ranking). Como explica a professora e coordenadora do Escritório de Gestão de Indicadores de Desempenho Acadêmico da USP Fátima de Lourdes Nunes, cada ranking tem os seus critérios e fica responsável por medir uma dimensão da Universidade. Segundo ela, o QS e o THE são os mais famosos e se caracterizam por serem comerciais. “O objetivo no geral é vender consultoria, para que as universidades, em especial as do Hemisfério Norte, consigam captar alunos internacionais”, explica a professora.

No QS, somente a reputação tem um peso de 45%, um indicador com carga subjetiva. A métrica se baseia em pesquisas de opinião feitas com empregadores e acadêmicos de todo o mundo – professores de uma universidade da Argentina, por exemplo, são convidados a apontar as cinco melhores universidades da América Latina em sua área de atuação.

A professora ressalva que sondagens de opinião com a sociedade em geral podem espelhar visões idealizadas de instituições. “Já foram feitas pesquisas tanto no Brasil quanto fora que perguntam qual a Uni-

versidade com o melhor curso de Teologia. As pessoas respondem que é a USP, só que a USP não tem Teologia”, exemplifica Fátima. Ela também perguntou à repórter: “Qual é a melhor universidade dos Estados Unidos?”. “Harvard”, foi a resposta. “De tanto ouvir falar que Harvard é boa, você respondeu que ela é a melhor. Pode ser que você nem saiba se Harvard tem a sua área”.

Além da reputação, há outros sete indicadores principais. No caso da USP, sustentabilidade, impacto de egressos e rede internacional de pesquisa, métricas introduzidas na edição mais recente ajudaram no bom desempenho no ano passado, a USP ficou em 115º. Com tanto indicador, Fátima explica que não há sentido em trabalhar para melhorar todos. “Os rankings servem como uma avaliação externa e consultoria gratuita, que usamos com parcimônia. O objetivo da USP não é trabalhar para subir em ranking, mas usamos os relatórios para identificar pontos fortes e fracos. Aí, a Reitoria vê se faz sentido fazer alguma ação”.

Orientação internacional, que mede a quantidade de professores e alunos estrangeiros, é uma das métricas em que a USP não vai bem. “Vai ser difícil a USP subir muito, porque não faz parte da nossa natureza. A nossa Universidade é voltada para atender brasileiros, recebemos o dinheiro do imposto deles. Então não é o nosso objetivo receber alunos estrangeiros para tirar vaga dos brasileiros”, explica Fátima.

INCOERÊNCIA? Com tamanha carga de subjetividade, parte dos alunos enxerga uma incoerência entre a classificação da USP e a atual condição da Universidade.

De acordo com Yasmin Capocci, estudante de Artes Cêni-

cas, “os rankings internacionais criam a ilusão para o resto do mundo de que está tudo bem na USP”. O estudante de História e diretor do DCE, Pedro Chiquitti, também afirma que apesar dos estudantes, professores e funcionários merecerem o reconhecimento nos rankings, a Reitoria não merece. Segundo o aluno, a Reitoria deixa de lado pedidos essenciais de estudantes, professores, funcionários e da sociedade civil. As demandas da greve dos estudantes por contratação de professores e políticas de permanência seriam um exemplo disso. Para saber mais, veja a edição 537 do JC.

Para Fátima, a visão dos estudantes é explicada pela falta de conhecimento sobre a Universidade. “Quais unidades estão de fato sem professor? Quantos programas de pós-graduação a USP tem?” Essas são algumas das perguntas que Fátima percebe que a maioria dos estudantes não consegue responder. “Na maior parte das vezes, a comunidade repete o que é falado e não vai atrás da informação, dos dados corretos”, afirma.

O professor e vice-diretor da Faculdade de Educação da USP Valdir Heitor Barzotto também afirma que é importante conhecer outras universidades. “Temos que diferenciar uma crítica interna à USP sobre falta de professores e de equipamentos, por exemplo, e depois temos que nos permitir conhecer outras universidades, para ter um critério mais comparativo. Temos outras universidades em que a biblioteca é uma sala de aula. Há países em que somente 5% dos professores podem ter dedicação exclusiva. Então quando começamos a comparar com outras entidades, nossa reclamação cotidiana perde validade porque nós da USP somos muito privilegiados”, explica.

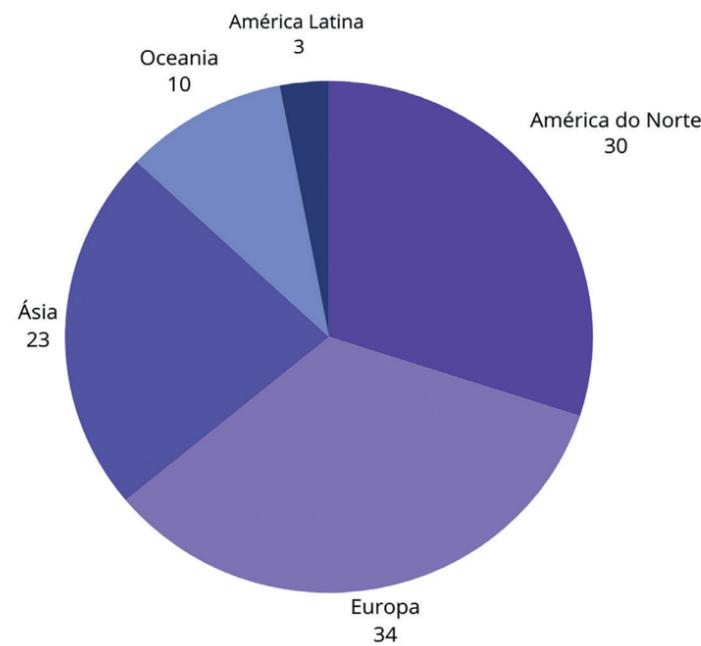
10 PRIMEIRAS NO QS

1

POSIÇÃO	UNIVERSIDADE	PAÍS
1º	Instituto de Tecnologia de Massachusetts	Estados Unidos
2º	Universidade de Cambridge	Reino Unido
3º	Universidade de Oxford	Reino Unido
4º	Universidade de Harvard	Estados Unidos
5º	Universidade de Stanford	Estados Unidos
6º	Imperial College London	Reino Unido
7º	Instituto Federal de Tecnologia da Suíça	Suíça
8º	Universidade Nacional de Singapura	Singapura
9º	Universidade College London	Reino Unido
10º	Universidade da Califórnia - Berkeley	Estados Unidos
85º	Universidade de São Paulo	Brasil

Das 10 melhores colocadas, 9 ficam na Europa ou nos Estados Unidos

100 MELHORES PELO MUNDO



Das 30 melhores universidades da América do Norte, 27 ficam nos Estados Unidos

Das 34 melhores universidades da Europa, 17 ficam no Reino Unido

▶ USP no QS (As notas por critério vão de 0 a 100)

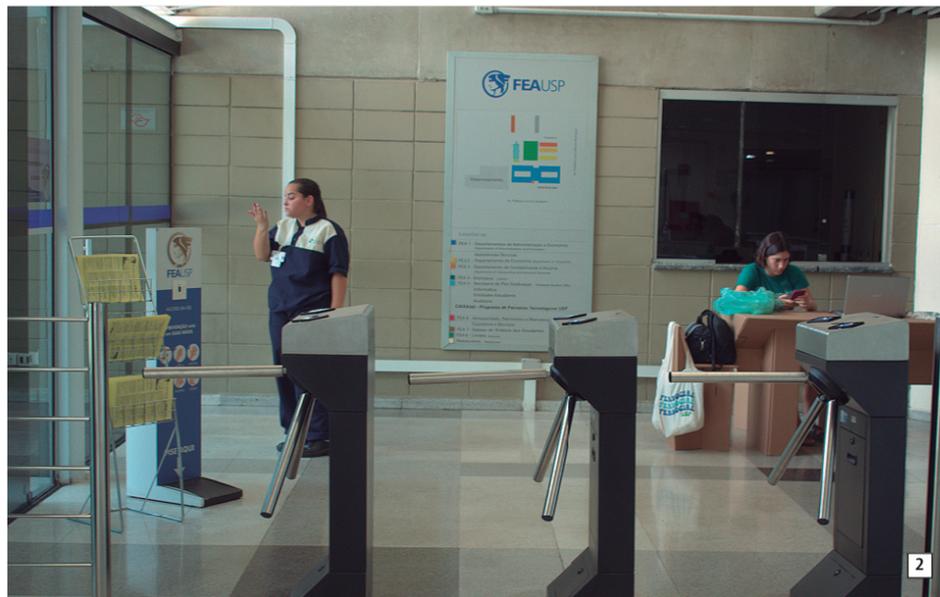
▶ Geral 62,8

	Reputação acadêmica	Reputação entre empregadores	Estudantes por professor	Citações por docente	Professores Estrangeiros	Estudantes Estrangeiros	Rede Internacional de Pesquisa	Impacto de egressos	Sustentabilidade
Nota	92,4	82,9	19,2	29,9	6	2,3	90,9	89,7	96,1
Peso	30%	15%	10%	20%	5%	5%	5%	5%	5%

Fonte: Ranking QS

Violência na USP é a maior dos últimos 5 anos

Campus da Cidade Universitária teve 163 ocorrências de furtos, roubos e sequestros registradas de janeiro a outubro de 2023



MARÍLIA MONITCHELE E THAIS MORIMOTO
[REPORTAGEM]

Foram 163 ocorrências de furtos, roubos e sequestros registradas de janeiro a outubro de 2023 no Campus do Butantã, de acordo com a Superintendência de Prevenção e Proteção Universitária (SPPU) da USP. O número supera a quantidade de ocorrências desse tipo nos últimos cinco anos, quando comparado aos mesmos períodos. “O aumento sempre preocupa”, afirma o professor e superintendente da SPPU, José Antonio Visintin.

O estudante de Letras-Francês e estagiário da USP Pedro Seno quase teve sua bicicleta furtada em novembro de 2023 em frente ao prédio da Diretoria e da Administração da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). “Colocava a bicicleta presa no poste em frente à sala onde trabalho, para conseguir ver durante o dia pela janela. Mas, teve um dia que fui almoçar e, na volta, percebi que o cadeado estava todo destruído”, conta o estudante. A bicicleta só não foi levada porque não conseguiram abrir o mecanismo de proteção.

Casos como esse não são isolados. Visintin afirma que, na avaliação da SPPU, o aumento na quantidade de ocorrências foi resultado de furtos de bicicletas e de notebooks, mas que também é necessário tomar cuidado com os celulares. O órgão e a Polícia Comunitária afirmam estar trabalhando para diminuir ocorrências como essas, mas ressaltam a dificuldade em

identificar os criminosos.

A SPPU está organizando um sistema de divulgação para que a comunidade uspiana adote medidas como prestar atenção nos celulares, não deixar à vista pertences no interior de veículos – principal forma pela qual os notebooks são furtados atualmente – e instalar o aplicativo Campus USP.

O aplicativo permite registrar ocorrências que aconteceram dentro de algum campus da Universidade, fazer uma chamada de emergência para a Guarda Universitária e indicar situação de alerta. “No trajeto dentro da USP, você aciona o sistema e, se vir qualquer coisa suspeita, chacoalha o seu celular e automaticamente dispara dentro da Guarda Universitária, que, por GPS, vai ao seu encontro”, explica o professor. Ele recomenda o seu uso em períodos noturnos e sempre que o membro da comunidade uspiana se sentir ameaçado.

POLÍCIA E CÂMERA

Entre 2016 e 2021, houve uma queda anual no número de ocorrências de roubos, furtos e sequestros na Cidade Universitária. Com a pandemia de covid-19, 2020 e 2021 foram anos com menor circulação de pessoas. Nos demais anos, segundo Visintin, a queda foi motivada principalmente pela presença da Polícia Militar no campus, que é composta, em sua maioria, por policiais comunitários.

A Polícia Comunitária foi implantada em 2016 no campus e teve atuação conjunta da Comis-

são de Direitos Humanos da USP e do Departamento de Direitos Humanos da Polícia Militar. A maior parte do efetivo são policiais que fizeram graduação ou cursos universitários.

Outro fator que colaborou para a queda de ocorrências no Campus do Butantã foi a implantação do sistema de monitoramento por câmeras, que começou em 2015. De acordo com Visintin, atualmente cerca de 80 a 85% do campus é coberto por câmeras.

Beatriz Hanser sente que não teve o suporte necessário após sofrer um furto. No segundo semestre de 2022, ao sair de uma aula no período noturno, a estudante de Relações Públicas encontrou seu carro com um dos vidros estilhaçados e sem a sua mochila do notebook. “Levei um

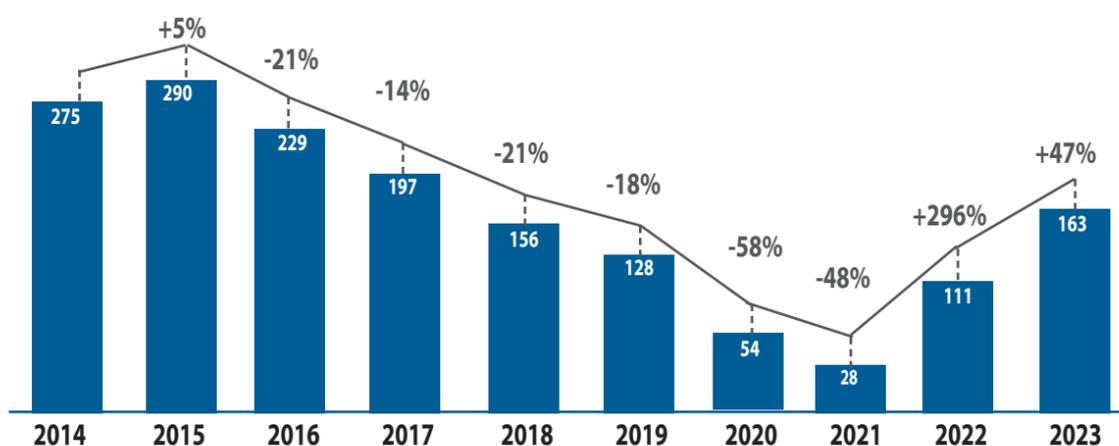
susto, entrei em choque e chorei muito”, afirma.

Beatriz notou que havia uma guarita de segurança sem ninguém e uma câmera próxima ao local onde seu veículo estava estacionado, perto do prédio Central da Escola de Comunicações e Artes (ECA). Ela também sentiu que a Guarda Universitária fez “pouco caso” com sua situação e, por isso, a estudante não buscou mais auxílio. “Sabia que não ia dar em nada”, afirma. A SPPU defende que a informação é importante e que todas as ocorrências devem ser registradas para melhorar as informações estatísticas. Mas diz não fornecer as imagens das câmeras para indivíduos, apenas para as autoridades competentes. Visintin também explica que a vigilância

terceirizada é muito cara – segundo ele, um vigia USP custa cerca de 240 mil reais por ano, mas que geralmente toda unidade possui seguranças com vigias que fazem rondas.

Além da Guarda Universitária, Beatriz e seus amigos procuraram a Polícia Comunitária, mas saíram frustrados. “Eles disseram que são os próprios alunos que furtam e que eles não podiam fazer nada, porque os alunos não gostam da polícia. Então, se o campus estava perigoso, era nossa culpa, porque eles não podiam encostar nos alunos”, afirma a estudante. Visintin também vê resistência em abordagens: “Quando a Polícia Comunitária suspeita de alguma coisa e aborda a pessoa, todo mundo faz escândalo”.

Ocorrência de roubos, assaltos e sequestros no Campus Butantã - USP entre 2014 e 2023



Fonte: Superintendência de Prevenção e Proteção Universitária/USP



Juliana Altino, aluna da Faculdade de Educação

ACESSIBILIDADE NO CAMPUS:

UM CAMINHO TORTUOSO

Estudantes e funcionários com deficiência relatam problemas que vão de rampas com degraus à falta de preparo e acolhimento

LORENA CORONA E RICARDO THOMÉ [REPORTAGEM]

“Melhor universidade da América Latina’ para quem?”, questiona Juliana Altino, estudante de Pedagogia e fundadora do Coletivo Defiça Laureane Costa, o Coletivo de Pessoas com Deficiência (PcDs) da USP (@coletivopcdusp).

O JC conversou com quatro estudantes e funcionários PcDs que frequentam a Universidade e os indagou a respeito da acessibilidade no campus. A conclusão foi unânime: mesmo marcando presença em boas posições nos rankings universitários (ver pág. 11), a USP não possui uma estrutura inclusiva.

UMA LUTA DIÁRIA

Juliana tem mobilidade reduzida devido a

problemas de saúde, alternando entre cadeira de rodas e andador para se movimentar. A jovem afirma que, além de ter uma vivência universitária diferente da de seus amigos, sente-se mais vulnerável no campus. “Por ter uma deficiência física, eu sinto que corro mais perigo, que sou vista como um alvo mais fácil, até em questões de assédio sexual”, diz.

Já Matheus Figueiredo, estudante de Farmácia, tem autismo e vê a falta de preparo dos funcionários como uma das dificuldades centrais dentro da instituição. Ele cita o caso dos bandejeiros como um exemplo de situação em que deficiências ocultas são postas em dúvida devido à falta de instrução. “O problema é que deveria haver um registro dos estudantes com deficiência [na carteirinha]”, pontua, já que o uso de símbolos PcDs como cordões de girassol ou quebra-cabeça nem

sempre é reconhecido pelos funcionários.

Micael Franchi faz licenciatura em Educomunicação e tem fibromialgia e hipermobilidade articular, condição que faz com que os ossos saiam do lugar com muita facilidade. Dentro do campus, a locomoção não é fácil. O estudante conta que uma das rampas próximas à ECA, que dá acesso à calçada, tem um degrau. “Já caí de cara no chão. Uma amiga me ajudou e me carregou de volta para a cadeira. Tive que fazer uma manobra para conseguir passar pela rampa, que era para ser uma ferramenta de acessibilidade”, relata.

Mesmo no que diz respeito aos serviços que a USP efetivamente oferece, Micael acredita que falta divulgação, o que faz com que os próprios estudantes e funcionários não os reivindiquem: “Podemos nos matricular primeiro, existe um carro para levar as pessoas que têm deficiência pela USP... Só fiquei sabendo disso por um amigo da área jurídica do coletivo”.

FUNCIONÁRIOS PCDS

Viviane Pitta começou a trabalhar nos laboratórios do IQ em 2006, quando ainda não havia sido diagnosticada com *stiff-person*, ou síndrome da pessoa rígida, condição neurológica autoimune que afeta os movimentos dos músculos. Após ser aposentada por dez anos, ela foi reintegrada à USP e transferida para o ICB (Instituto de Ciências Biomédicas).

Viviane relata que teve dificuldades no processo de readaptação, o que a fez perceber as carências do campus e a motivou a participar do coletivo. Ela aprova a abertura da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP) para o diálogo com o grupo, mas enfatiza que a representatividade ainda é um problema: “Nós precisamos ter representantes com deficiência na PRIP. Não adianta colocarmos 20 professores e nenhum viver isso na pele”.

O QUE DIZ A PRIP

Procurada pelo JC, a professora Eucenir Fredini Rocha, responsável da PRIP pelo diálogo com os coletivos, afir-

mou que o órgão visa a atender à “complexificação das demandas de pessoas com deficiência”. Segundo ela, as reuniões deram origem a um Grupo de Trabalho (GT) para elaborar uma “Política de Inclusão e Pertencimento das Pessoas com Deficiência na USP”, com participação dos coletivos.

Um dos objetivos do GT seria lidar com “barreiras atitudinais”, como as apontadas por Matheus, além de fazer levantamentos sistemáticos de dados sobre as PcDs. “A PRIP está ciente dessas necessidades e dificuldades e deve organizar no próximo ano ações de sensibilização e formação de funcionários e docentes para um melhor acolhimento das pessoas com deficiências.”

Sobre a infraestrutura, Eucenir aponta a necessidade de “atualização”. Quanto a questões específicas como as levantadas por Micael, a professora respondeu que “elas devem ser discutidas nas Comissões de Graduação em parceria com as Comissões de Inclusão e Pertencimento (CIP) de cada unidade”.

Escuta, cuidado e orientação em saúde mental: o que mais cabe dentro do ECOS?

Programa baseado em acolhimento oferece sessões gratuitas e é articulado com o SUS e outras políticas públicas externas

EMANUELY BENJAMIM [REPORTAGEM]

Espaço de escuta, cuidado e orientação em saúde mental. Tais finalidades nomeiam o ECOS, primeira medida da política de saúde mental da USP inaugurado em 2022 pela Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP). Sediado em frente ao Bloco C do Crusp, o programa oferece sessões individuais que ocorrem presencialmente e sem agendamento prévio.

“Leva tempo para mudar a USP em todos os aspectos prejudiciais à saúde mental, então o ECOS é um espaço para cuidar sobretudo de quem não conseguimos evitar o sofrimento”, afirma Ricardo Teixeira, diretor da coordenadoria de saúde mental e bem-estar da PRIP. Em um ano e um mês desde a inauguração, foram realizados 397 atendimentos.

Nesse sentido, suas sessões se voltam ao acolhimento e escuta do participante por um ouvinte, que pode ser um integrante da equipe ou um bolsista PUB de qualquer instituto capacitado para a função, permitindo a troca de experiências com alunos já familiarizados com a USP. “Não é restrito a quem já está deprimido ou ansioso, mas é também preventivo”, ressalta Roberto. O ECOS já ofereceu dez rodas de conversa voltadas para calouros e cinco de Terapia Comunitária Integrativa, cuja continuidade no próximo ano é incerta.

O acesso é simples: basta ir até a sede, preencher um cadastro (cujos dados são mantidos em sigilo) e iniciar a sessão com membros da equipe, formada por três assistentes sociais, dois psicólogos e um enfermeiro.

Além do atendimento imediato, o ECOS ajuda em eventuais encaminhamentos para serviços da Universidade, clínicas privadas ou do Sistema Único de Saúde (SUS). “Se precisar de atendimento psicológico recorrente, psiquiátrico ou outros, o ECOS busca garantir o acesso ao serviço necessário”, explica Ricardo.

SERVIÇO

Endereço: Rua do Anfiteatro, 181 – Favo 22 – Cidade Universitária – São Paulo/SP (em frente à portaria do Bloco C do CRUSP)
Horário de funcionamento: Segunda a sexta-feira das 08h às 17h
Telefone: (11) 3091-8345



Entrevista ao JC na sala de atendimentos do ECOS

DE FAMÍLIA

Pais e filhos – e netos – da Universidade

Prestes a completar 90 anos, USP registra histórias de família com várias gerações de alunos; conheça três delas

JULIA MAGALHÃES [REPORTAGEM]

No dia 25 de janeiro de 2024, a cidade de São Paulo completará 470 anos. Curiosamente ou não, a USP também fará aniversário e chegará aos 90. Com essa idade, é mais do que seguro dizer que a Universidade de São Paulo já tem descendentes dos seus primeiros alunos da turma de 1934. A descendência “uspiana” não diz respeito apenas aos alunos que estudaram nos cursos fundadores da instituição, mas também aos parentes que dividem a experiência de fazer USP.

Pai, filhas e netos. Para a família Lobo, a trajetória pessoal se confunde com a história da Universidade de São Paulo. Gilberto Lobo, o patriarca, é formado pela Faculdade de Direito da USP. Já suas duas filhas, Tânia e Sandra, são formadas, respectivamente, em Psicologia e Pedagogia também pela Universidade de São Paulo. Tânia ainda tem dois filhos, João Paulo e Diego, que, assim como a mãe, a tia e o avô, passaram a estudar na instituição. Diego, inclusive, cursa seu segundo bacharelado na USP. Emocionado, Gilberto conta como a universidade fez parte de tantos momentos importantes da sua família: “Meu primeiro dia de aula na faculdade foi, exatamente, o dia em que Tânia nasceu, 3 de março de 1970”. Além dessa ligação de Tânia com a USP, Sandra complementa ao contar como ela veio ao mundo: “Eles engravidaram depois que ele se formou, na festa de formatura”. A USP, portanto, esteve presente desde o início da construção da família Lobo.

Mas eles não são os únicos com essas raízes familiares na Universidade de São Paulo. Rafael Ribeiro, estudante de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), passou a infância com a mãe, professora de Ciências Sociais, e o pai, professor aposentado de Filosofia, frequentando a instituição. “Minha mãe me levava para a USP antes de eu ir para a escola. Então, eu cresci no prédio da FFLCH”, conta Rafael.

O estudante ainda relata que pessoas da universidade o reconheciam como o filho dos pro-

fessores do departamento. “Fiz iniciação científica e meu orientador, sabendo que eu era filho de uma professora do departamento, não me orientou muito. Tive mais orientação da minha mãe e não fazia muita besteira para não envolver o nome dela”, comenta. O estudante também conta que os pais tiveram papel indireto na escolha do curso. “Querida ter feito História, mas acho que fiz Ciências Sociais porque era o que eu conhecia”. A influência deve parar por aí: Rafael não gostaria de seguir a mesma carreira dos pais, também professores da USP.

Pedro Dallari é diretor do Instituto de Relações Internacionais (IRI-USP), filho de um

A gente se apega de uma tal forma às coisas da USP que carregamos isso a vida inteira e conseguimos repassar isso para os nossos filhos e netos. E tem que ser assim mesmo, porque a USP faz parte da história do nosso país

Gilberto Lobo, antigo estudante da Faculdade de Direito

antigo diretor da Faculdade de Direito, o jurista Dalmo Dallari, e irmão da professora da instituição, Maria Paula Dallari. Dallari ainda diz que a escolha de seguir pelo meio acadêmico assim como seu pai veio de uma vontade sua de querer ser professor.

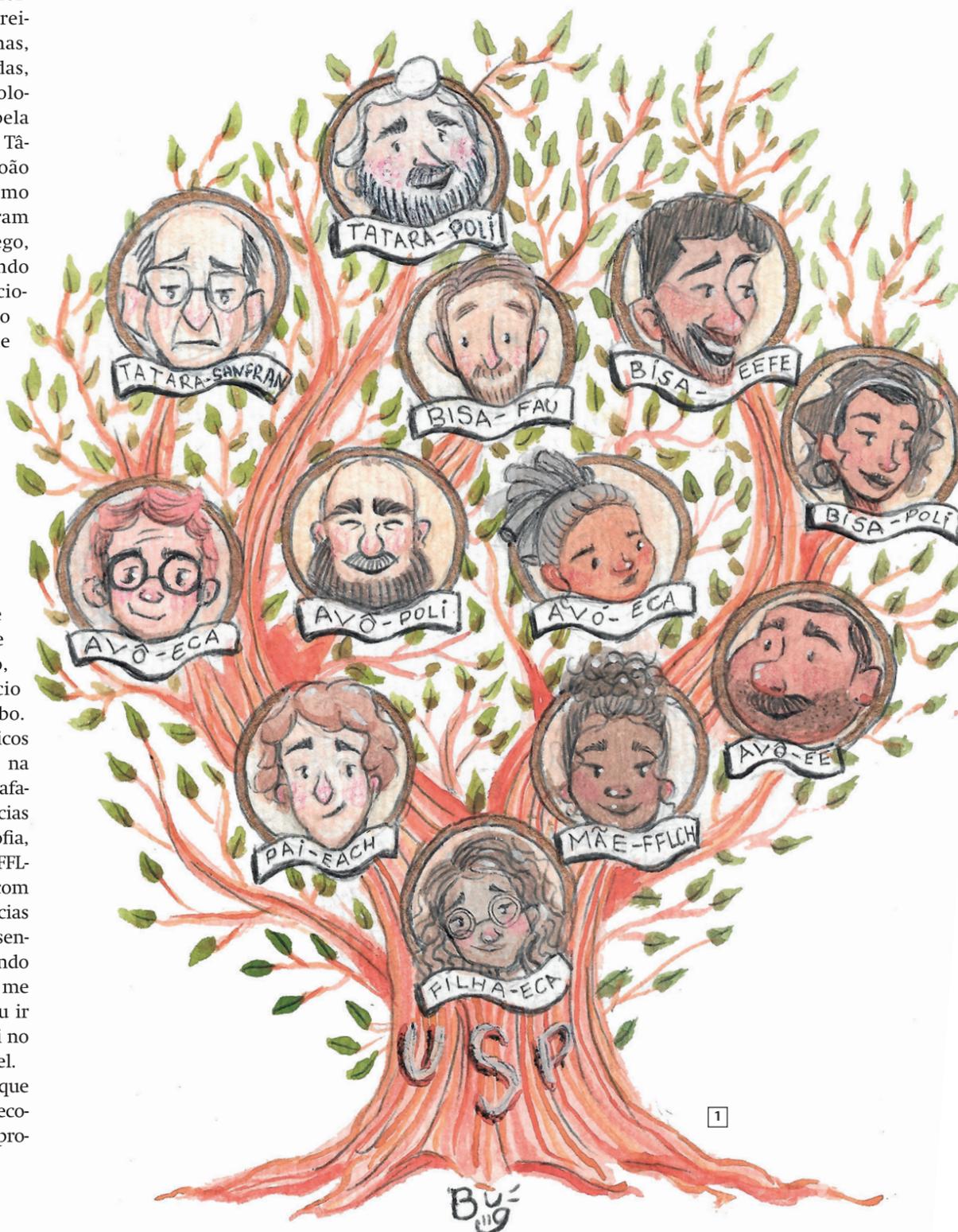
“O fato de vários membros da minha família terem relação com a Universidade de São Paulo não significa que a gente não tem relação com outras instituições, inclusive acadêmicas. Então, a gente tem muita ligação e respeito com a USP, mas isso não revela nenhum tipo de viés exclusivista”, conta o diretor.

A abertura para a inclusão social vem de exemplos como Isabel Briskievicz e Maria Vitória de Souza. Elas foram as primeiras das suas respectivas famílias a entrarem na USP. Isabel conta que seu pai já tinha feito faculdade privada e que a incentivava a entrar, mas a mãe, embora tenha ficado orgulhosa, não sabia nem o curso que ela ia prestar. Assim como a estudante, Maria também recebeu o incentivo da mãe, mas a iniciativa partiu totalmente dela. “Eu tive o apoio da minha família, mas, até então, era algo distante, não era uma oportunidade palpável”. A estudante de engenharia elétrica ainda conta que, nas suas primeiras semanas de aula, ela chorava muito, porque pensava que não devia estar ali.

SEM PRESSÃO

Embora quase todos os entrevistados não quisessem nenhuma outra faculdade além da USP, em sua maioria, aqueles que tinham parentes dentro da instituição não sentiram uma pressão familiar em relação ao vestibular. Tânia conta que “não quis passar para os filhos como uma obrigação entrar na USP, mas como uma coisa natural que se tivesse que ser, seria”. Inclusive, para Diego, filho de Tânia, a ideia da USP já aparecia antes mesmo dele entrar na faculdade: “Quando eu criei o meu Orkut, tinha que colocar a escolaridade. Coloquei a USP, sem curso nenhum, só USP, porque ia ser”. Já no caso da Maria Vitória, a estudante relata que carregava mais uma pressão “de encontrar na universidade uma ascensão social e financeira para manter a família em uma condição saudável”.

Para os pioneiros, em geral, o começo foi mais difícil. No caso da família Lobo, o patriarca Gilberto só entrou na faculdade com 28 anos, casado e já com dois filhos. Já as filhas e netos começaram a graduação logo depois do Ensino Médio. Ele conta que, na época de sua entrada, seu pai ficou muito orgulhoso: “Foi uma emoção grande, porque, para ingressar na São Francisco, eles diziam que era só filho de rico, que a gente não teria nenhuma chance”. Hoje, quase toda a família Lobo tem um diploma da Universidade de São Paulo.



▶ NOS ACRÉSCIMOS

Também no esporte, o bom filho à casa torna

Formados, pós-graduandos e até professores provam que o esporte universitário vai além dos alunos de graduação

ANA MÉRCIA BRANDÃO, OSMAR NETO
E YASMIN ARAÚJO [REPORTAGEM]

Engana-se quem pensa que o esporte universitário é composto apenas por alunos. Muitos egressos, funcionários e até professores praticam esportes no mundo universitário. Várias competições da USP permitem, e até estimulam, a participação de atletas que não estejam cursando uma graduação. Ainda que não sejam maioria, esses esportistas oferecem uma perspectiva diferente do relacionamento com as práticas esportivas.

Rafael Oliveira, de 26 anos, se formou em Jornalismo em 2021, mas decidiu continuar participando dos treinos e competições do time de Atletismo da ECA. Ele é membro regular da equipe desde agosto de 2015, quando estava no segundo semestre da graduação.

Em meio à pandemia, o esporte foi o que o ajudou a se manter no eixo. Os treinos continuaram de forma online e cada atleta praticava por conta própria, em casa ou na rua. “Percebi que o esporte passou a ser uma parte muito importante da minha vida. Me sinto meio perdido sem ele, rendo menos, durmo e me alimento pior”, diz.

Com o fim do período pandêmico e da graduação, o jornalista-atleta percebeu que poderia, e queria, continuar frequentando os treinos e os torneios do atletismo universitário. Ele conta que um ponto positivo de continuar jogando é a possibilidade de inspirar os alunos mais jovens, como ele, um dia, também foi inspirado. “Chegar numa equipe e ver que tem alguém que está lá há tanto tempo e continua treinando ajuda a pensar ‘pô, deve ser legal’.”

Neste ano, ele disputou seu primeiro Bife – Jogos Universitários da USP, um dos principais do ano no calendário ecano – como formado. A decisão de continuar na equipe de atletismo não vem apenas com as glórias das competições, mas também com as concessões necessárias para continuar treinando. Às segundas-feiras, Rafael sai mais cedo do trabalho para conseguir chegar, mesmo que atrasado, no treino. Ele

classifica o atletismo como seu “hobby principal” e leva o esporte com um comprometimento que o faz, por vezes, ter que lidar com a frustração de abrir mão de seu tempo livre. O jornalista, no entanto, é assertivo: vale a pena. “Eu trabalho e sou do atletismo. É um sacrifício que, felizmente, eu escolho fazer”, resume.

No ano que vem, Rafael jogará seu último Bife, mas garante que sua jornada de competições e treinos não vai parar por aí. Todo ano, a Federação Paulista de Atletismo promove torneios abertos, principal meio que o jornalista vê de continuar competindo. “Agora teve o Brasileiro Master, com uma senhorinha de 91 anos correndo 200 metros. Não sei se eu consigo chegar aos 91, quem dirá correr aos 91, mas é algo que eu pretendo continuar fazendo enquanto meu corpo permitir.”

“Não é mais uma coisa de ‘estou competindo pela ECA’. O calendário mental muda um pouco. Agora é uma coisa mais por mim e pela convivência com as pessoas, pelo papel que o esporte tem na minha vida”, resume.

Enquanto 8 dos 26 anos de vida de Rafael foram dedicados ao esporte, para Daniel Lamarca, mestrando na FFLCH da mesma idade, 2023 foi seu primeiro ano competindo pela USP – mais especificamente, pelo time de xadrez da Faculdade.

Daniel, que é formado em Filosofia pela USP, começou a jogar durante a pandemia e a frequentar os treinos de xadrez em 2022, quando iniciou seu mestrado. “Me senti bem mais acolhido do que na própria graduação e, com certeza, vou continuar jogando com as pessoas que conheci no time”, afirma.

Se Daniel já é prova de que nunca é tarde demais para se envolver no esporte universitário, os membros do Poli Masters são mais ainda. Há quase uma década, a equipe de natação da Escola Politécnica da USP (Poli) vem unindo a prática esportiva à integração. Formado por alunos, funcionários, professores e egressos, o grupo nasceu do desejo de três amantes do esporte de promover a saúde em águas uspianas. Ir ao



1



2



3

“Na época eu achava [sobre os veteranos] ‘nossa, que cara velho’ e hoje eu sou esse cara”

Rafael Oliveira, 26, egresso e membro do atletismo da ECA

Centro de Práticas Esportivas da USP, o CEPEUSP, às terças, quintas ou sábados é quase o mesmo que marcar um encontro com a equipe. Nos treinos, que tomam o conjunto aquático, a diversidade de idades, características e personalidades logo é percebida pelos olhares e ouvidos mais atentos. Dentro da piscina, as diferenças enriquecem as raíais.

As competições também alavancam sua motivação. As medalhas, penduradas nos pescoços dos nadadores em diversos registros da equipe, exibem o resultado de longas jornadas de dedicação. Atualmente, a equipe participa do Circuito Paulista de Masters de Natação e luta, ou melhor, nada pelo seu lugar no pódio.

Alexandre Kawano, professor da Poli e um dos fundadores da equipe master de natação, ressalta que a integração e o intercâmbio de experiências fazem parte da origem do grupo. “No início, o Poli Masters tinha o enfoque em competição, mas sempre tivemos a integração como um objetivo. Queríamos um grupo não só para estudantes ou professores, mas para todo mundo, e, acima de tudo, queríamos promover a saúde”. Com esses objetivos em mente, a Poli Masters estabeleceu uma única exigência para entrar no grupo: é preciso saber nadar,

mas não há seleção prévia na formação da equipe.

Parte das estratégias de integração foi riscar algumas palavras do dicionário da equipe. “Falar que é velho é proibido!”, adverte Kawano. A categoria masters acolhe nadadores de até 90 anos. As limitações físicas, naturais com a passagem do tempo, são compensadas com a inclusão de instrumentos de auxílio, como pés de pato, por exemplo. “Nós temos um professor de 74 anos. Antes, o treino dele era diferente, mas eu falava ‘não, ele tem que fazer o mesmo’. Se ele não consegue executar, ele faz a mesma metragem, mesmo tempo, mas com um auxílio, um treino adaptado. Esse foi um ponto que a gente trabalhou”, explica o docente.

As palavras vão ao encontro da percepção de Rafael. No seu oitavo ano como integrante da equipe de atletismo da ECA, ele também celebra o esporte como um meio de fortalecer a relação dos estudantes com a USP, indo além da formação acadêmica. “Acredito muito no esporte universitário, para além do atletismo, como uma ferramenta de integração. É um meio para que a universidade não seja só a sala de aula. Ter conhecido tanta gente da ECA e de outros cursos, perfis diferentes, é um motivo de orgulho, de satisfação pessoal.”

Para alguns, um grande sonho de Natal



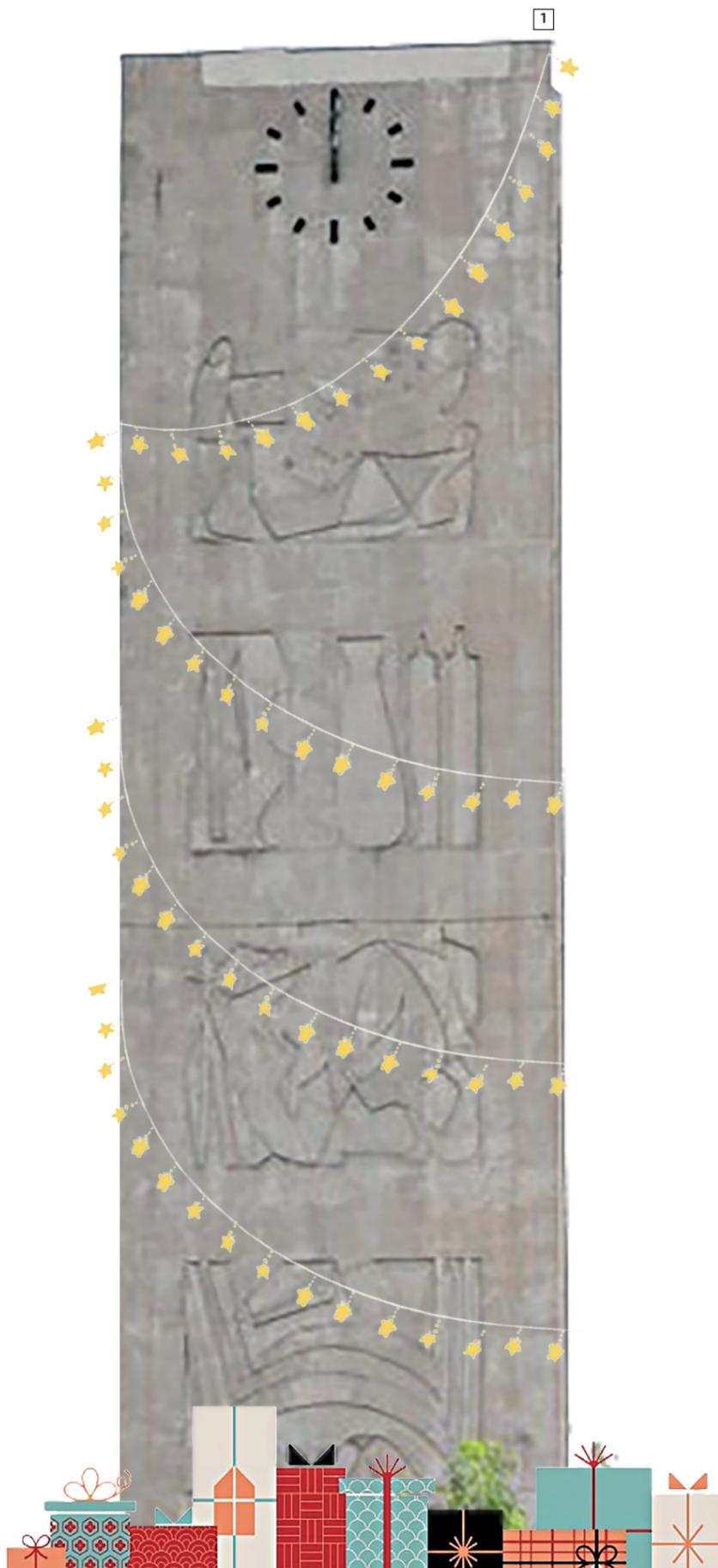
DANILO QUEIROZ E LAURA PEREIRA LIMA [TEXTO]

“Calor, hein?”. A clássica conversa de elevador repentinamente toma outras proporções quando Vander dos Santos, morador do Crusp, revela as condições climáticas da moradia estudantil: cubículos com janelas pequenas, com pouca ou nenhuma ventilação. “O pessoal molha os travesseiros com água, para refrescar um pouco”, conta. A um hemisfério de distância do Natal cinematográfico, longe dos bonecos de neve, cachecóis e lareiras acesas, a época natalina na moradia estudantil é marcada por um calor sufocante. Vander tem o costume de passar o Natal no Crusp porque mora longe de São Paulo – ou melhor, do Brasil. Nascido em São Tomé e Príncipe, ilha lusófona na África, o mestrando precisaria gastar cerca de 15 mil reais para comemorar a data com a família. “Prefiro ficar aqui e mandar esse dinheiro para eles, que vai ajudar bastante”. A ajuda financeira transferida para a família provém da bolsa de pesquisa recebida mensalmente por Vander durante os meses de pesquisa em Engenharia de Produção que desenvolve pela Poli.

Assim como Vander, outros moradores que moram em regiões mais distantes também não conseguem voltar para casa no fim do ano e passam a comemoração tipicamente familiar com seus vizinhos, em uma ceia farta e memorável. A data, então, não é celebrada sozinha. “Tem gente que pode voltar para casa e escolhe ficar, só para participar da ceia”, conta Vander, acrescentando que os causos da ceia são repercutidos durante o ano todo.

A reunião calorosa começa tradicionalmente às 17h do dia 24 – e dura até o dia 26. Durante esse período, o bandejão não abre, e as refeições ficam sob responsabilidade dos organizadores da ceia, servida na sala de vidro localizada no térreo do bloco A1 ou no espaço da Associação dos Moradores do Crusp (Amorcrusp), no térreo do bloco F. Os espaços são enfeitados com as mais variadas cores de pisca-pisca, sobretudo nas laterais e nas vigas da porta principal onde a celebração acontece. Bexigas vermelhas e verdes servem como uma espécie de moldura para as árvores de Natal e papais noéis confeccionados em papel emborrachado.

A troca de presentes é ansiosamente aguardada pelos participantes. Porém, com um novo significado, um momento afetivo – sobretudo para aqueles que não conseguem financiar um presente. Para contornar isso, a organização dá presentes aos participantes. Nem todo ano é possível, mas quando conseguem, com doações, a lista de presentes é direcionada para coisas utilizadas no dia a dia dos moradores, como liquidificador e torradeira. “Já demos até computador – um computador baratinho – para um morador que precisava”,



conta um dos organizadores do evento, que preferiu manter-se anônimo.

Para nutrir o expressivo número de participantes – os organizadores do ano passado estimam que tenha sido algo em torno de 250 pessoas –, é necessário que se providencie muita comida. E só existe na USP um lugar com panelas suficientemente grandes para cozinhar tantos pratos: o bandejão. As panelas do bandejão, emprestadas pela Universidade, se deslocam até as cozinhas coletivas do Crusp, onde cada prato é preparado por uma dupla de moradores. Os ingredientes são doados pela Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP) e a ceia também recebe auxílio da Associação de Moradores, que financia o evento e empresta caixas de som.

Além de reunir um alfabeto de blocos, a ceia também forma seu próprio mapa-mundi. Para Vander, a melhor parte da celebração é o intercâmbio cultural que ela proporciona, já que quem passa o Natal na Universidade geralmente mora em lugares mais distantes. “Você acaba conhecendo pessoas e pratos de diversas culturas”, conta o morador, acrescentando que as ceias têm especialidades da Bahia, Pernambuco e até mesmo de outros países da América Latina, como Colômbia, Venezuela e Chile. “São pratos que eu nunca comi antes”.

As ceias de Natal repletas de pessoas não são uma novidade para Vander, que, em São Tomé e Príncipe, frequentava Natais populosos. “A gente tenta juntar o máximo de família em uma única casa”, conta. Nas celebrações do país, os convidados só começam a comer após a pessoa mais velha da família – geralmente uma mulher – dar uma colherada de comida na boca de cada um dos membros. “Fazemos fila para receber a primeira garfada”. As comidas típicas como a cachupa – uma espécie de feijoada com milho – dominam a refeição.

“Eu convido um, convido outro para participar da ceia. O convite é justamente para dizer: não é só comida, é troca. A gente não sabe o que pode acontecer com o morador que opta por estar isolado no apartamento, a gente sabe que casos como esse acontecem por aqui”, conta ele entristecido ao lembrar de situações em que o Natal parecia mais com outra data do calendário, o dois de novembro. Mas em 2023, na ceia do bloco A1 ou F, o ano vai nascer outra vez.

SAÚDE MENTAL
NO NATAL

O Grupo ECOS oferece espaço para atendimento psicológico a estudantes da USP (Ver pág. 13).